

OS SISTEMAS REGIONAIS DE OCUPAÇÃO DO VALE DO RIO PARANAPANEMA, LADO PAULISTA

Neide Barrocá, Faccio¹

Os trabalhos de cunho arqueológico na bacia do Rio Paranapanema, lado paulista, iniciaram-se no ano de 1968, quando a Universidade de São Paulo estabeleceu um amplo programa de pesquisas científicas nessa área. O Projeto teve início no município de Piraju, SP, onde foram evidenciadas aldeias guarani pré-históricas. Posteriormente, a pesquisa foi ampliada para toda a Bacia do Rio Paranapanema, lado paulista. Até o ano de 1987 o projeto foi coordenado pela Profa. Dra. Luciana Pallestrini (MAE/USP). A partir dessa data, vem sendo coordenado pelo Prof. Dr. José Luiz de Moraes (MAE/USP). Na área do Projeto foram identificados quatro tipos de Sistemas Regionais de Ocupação Indígena: sistema dos grupos caçadores-coletores (relacionados a Tradição Umbu); sistema de grupos agricultores guarani e kaingang (relacionados as Tradições Tupiguarani e Itararé respectivamente) e sistema da sociedade nacional (relacionado a Tradição Neobrasileira).

□ **Sistema Regional Umbu.** Integra uma faixa de tensão com sistemas de caçadores, provavelmente originários da bacia do Alto Tocantins e do Alto São Francisco. No território paulista predominam influências recíprocas de ordem social, econômica e cultural, provocando certa identidade fronteiriça nos sistemas envolvidos. Para a bacia do Rio Paranapanema registra-se a presença de grupos caçadores-coletores ligados a Tradição Umbu (MORAIS, 2003).

As ocupações de grupos caçador-coletores da Tradição Umbu são frequentes em áreas próximas aos Rios Paranapanema, Paraná e Tiete e de pequenos córregos ou ribeirões em terraços colúvio-fluviais marginais. Soma-se a essas características a presença de mata galeria, corredeiras e a proximidade de rochas aptas ao lascamento, seja na forma de cascalheira ou de afloramentos rochosos.

Os principais vestígios deixados por esses grupos são estruturas de combustão e a pedra lascada utilizada para:

¹ Professora Dra. do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista.

- Trabalho em madeira (aplainamento; alisamento de galhos; confecção de abrigos temporários, arcos-flechas, bordunas, canoas etc);
- Preparo de alimentos animais e vegetais (corte de carnes e frutas);
- Raspagem de peles e ossos de animais;
- Abate de animais e madeiras;
- Perfuração de objetos.

Os índios da Tradição Umbu souberam aproveitar economicamente a mata galeria, os animais (terrestres e aquáticos), os peixes, as fontes de rochas aptas ao lascamento, os rios e ribeirões presentes na área de seus assentamentos e entorno. Essas ocupações, atualmente, estão enterradas a mais de um metro de profundidade. Contudo, as profundidades em que são encontrados os vestígios dessas ocupações variam de acordo com a característica específica referente ao processo de sedimentação, este seguido por processos de retrabalhamento das camadas estratigráficas de cada área. Nessas ocupações, atualmente, o arqueólogo encontra pedra lascada em sílex, calcedônia, quartzo, basalto, arenito silicificado etc.

Em sítios da Tradição Umbu as estruturas de combustão estão associadas ao lascamento da pedra, pois os índios aqueciam as pedras em fogueiras, visando aumentar sua plasticidade, a fim de facilitar o ato do lascamento. Em ocupações de grupos caçadores-coletores é comum a presença de estruturas de combustão associadas ao pré-tratamento térmico da rocha apta ao lascamento (MORAIS, 1983; VILHENA-VIALOU, 1983/1984; FACCIO, 1992).

A tecno-tipologia lítica desses grupos tem por característica peças bastante elaboradas, entre as quais se destacam artefatos como: raspadores, furador-raspador, talhador, percutor, ponta de projétil etc.

A técnica de lascamento utilizada por esses índios era comumente a percussão direta com percutores duros, resultando em peças com secção plano-convexa, que tinham os seus bordos retocados de acordo com a função que pretendiam. A utilização de percutores macios ou da percussão indireta é registrada com pouca frequência.

Na área do Médio e Alto Paranapanema esses índios estabeleceram-se em terraços colúvio fluviais marginais, próximo a afloramento de basalto com arenito silicificado intrusivo. Em alguns casos, além de recorrerem a essa fonte, também utilizaram seixos como matéria-prima complementar. Na área do Baixo Paranapanema,

são raros os veios de arenito silicificado intrusivo no basalto. Dessa forma, os índios se estabeleceram em terraços colúvio-fluviais marginais, próximos a cascalheiras, com seixos aptos ao lascamento e corredeiras de rios. Os seixos de arenito silicificado foram os mais utilizados na área do Baixo Paranapanema. A presença de matéria-prima na área do sítio ou nas proximidades parece ter sido prerrogativa de todos os assentamentos estudados. Na área do Projeto, a matéria-prima utilizada para o lascamento, pelo homem pré-colonial do Sistema Umbu, foi por excelência o arenito silicificado proveniente de seixos (Baixo Paranapanema) e o arenito silicificado intrusivo no basalto (Médio e Alto Paranapanema).

As ocupações do Sistema Regional Umbu, na área do Vale do Rio Paranapanema, lado Paulista, foram datadas entre 1030 BP - Sítio Camargo, Piraju, SP (Pallestrini, 1977) a 7000 + 70 BP - Sítio Brito, Sarutaia, SP (Vilhena-Vialou, 1983/84).

Os índios caçador-coletores da Tradição Umbu são surpreendidos por grupos horticultores das **Tradições Tupiguarani e Itararé**, por volta do ano 1000, tendo sido dizimados, absorvidos ou aculturados por esses últimos (MORAIS, 2003).

□ **Sistema Regional Tupiguarani.** Formado por comunidades sedentárias. Os índios tupi-guarani, provavelmente originários da Amazônia Ocidental, migraram pelas calhas do Rio Paraná e de seus afluentes, após um longo período pelas bordas ocidentais do Planalto Central Brasileiro. Os sistemas regionais de agricultores do Estado de São Paulo foram desmantelados pelas várias frentes de invasão ibérica, a partir do século XVI. No caso do macro sistema regional de agricultores, a faixa de extensão fronteiriça entre os sistemas fica no quadrante sudeste do Estado de São Paulo, nos limites das bacias do Paranapanema, Ribeira e Tietê médio-superior. Ai se deparam os sistemas guarani, kaingang e tupinambá. Guarani e tupinambá resultam do novo entendimento do que teria sido uma Tradição Tupiguarani (MORAIS, 2003).

A cerâmica é o elemento diagnóstico da **Tradição Tupiguarani**. Aldeias de grupos portadores da cerâmica da Tradição Tupiguarani ocorreram intensivamente ao longo de todo o Rio Paranapanema e Paraná e de seus afluentes em área de alta ou média encosta e mais raramente em terraços fluviais. Os acampamentos ocorreram nas proximidades de cursos d'água secundários. As datações absolutas para a Tradição indicam o período de 410 d.C., Sítio Jango Luís (Município de Angatuba, SP), a 1480 d.C, Sítio Almeida (Município de Tejupá, SP). Entretanto, as evidências de contato com os jesuítas atestam sua permanência até os séculos XVI e XVII.

A Tradição Tupiguarani é atribuída a tribos indígenas guarani ou tupi, devido a correlação que se faz com grupos históricos, embora saibamos que quando essa tradição foi criada ela não assegurou correspondência étnica com tribos indígenas guarani ou tupi.

A cerâmica é caracterizada pela presença de uma decoração policrômica com traços ou faixas retos ou curvos em preto ou vermelho, aplicados com pincel ou com o dedo, sobre fundo engobado branco ou creme. Os pontos associados às linhas curvas em preto ou vermelho sobre engobo branco também são comuns (**Figura 1**).



Figura 1: Cerâmica com decoração policrômica. Nesse desenho só está representado graficamente os traços preservados da pintura. Sítio Arqueológico Aguiha. Iepê, SP.

O antiplástico utilizado por excelência é o mineral associado ao caco moído, sendo esse último elemento identificador da Tradição Tupiguarani e aflora na

parede das vasilhas. O carvão como antiplástico foi identificado em poucos sítios e em pequena porcentagem. No Estado do Paraná sua ocorrência é baixa nessa tradição.

As vasilhas dessa tradição são confeccionadas a partir de cordéis superpostos em espiral, da base em direção a borda. Contudo, as miniaturas são confeccionadas por modelagem a mão.

Quanto aos tipos cerâmicos, podemos destacar o simples, o pintado, o engobado, o corrugado, o corrugado-ungulado, o ungulado, o escovado, o ponteadado, o inciso, o acanelado, o digitado, o digitungulado, o nodulado, o pinçado, o beliscado e o roletado. A associação desses tipos em um mesmo vaso é bastante comum. Geralmente, a metade inferior do vaso é lisa ou escovada.

Os tipos mais comuns são os decorados com técnicas plásticas, realizadas com as unhas (unguladas), com as pontas dos dedos (corrugadas), com auxílio de objetos como sabugo de milho (escovadas) ou espatulas (entalhado). Essas decorações são realizadas logo após a confecção do vaso, enquanto a argila está mole. O entalhe realizado por esse grupo indígena estão sempre localizados no lábio do vaso.

A quantidade de vasos decorados varia de uma região para outra. Muitas vezes o vaso associa o tipo simples com um ou mais tipo de decoração, configurando-se uma decoração zonada, principalmente para os grandes vasos. As decorações pintadas são realizadas na parte interna e/ou externa dos vasos, respeitando a forma. Nos pratos e tigelas rasas é comum a pintura nas faces interna e externa. Já nas tigelas fundas e nos vasos profundos o comum é a pintura na face externa. No caso dos vasos carenados, a única parte pintada costuma ser a superior, do ombro até os lábios, de forma policrômica.

A análise da pintura ou incisão utilizada na cerâmica guarani, reflete de forma simbólica o cotidiano desses índios, permitindo ao arqueólogo ultrapassar a análise puramente morfológica dos vasos.

Os pigmentos são aplicados, na maior parte das vezes, antes da queima, tornando a pintura resistente. A análise dos pigmentos utilizados na pintura tem indicado uma origem mineral.

Usualmente a pintura preta ou vermelha é aplicada sobre engobo branco formando uma diversificada gama de desenhos geométricos. Os desenhos são constituídos por linhas ou faixas, retas ou curvas.

A queima dos vasos foi realizada em fornos a céu aberto, por isso as paredes nunca são totalmente oxidadas. Quanto às classes de vasilhas, podemos destacar

as panelas para cozinhar (*yapepó*, **figura 2**²), as caçarolas para cozinhar (*naetá*, **figura 3**), as jarras para bebidas em geral, especialmente bebidas fermentadas alcoólicas (*cambuchí*, **figura 4**), os pratos para comer (*ñaembé* ou *teembiru*, **figura 5**) e as tigela para beber (*cambuchi caguaba*, **figura 6**). Cada uma dessas formas possui uma função distinta e por isso fornecem informações sobre o preparo dos alimentos em cada sítio.

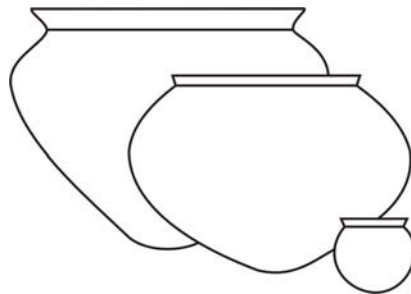


Figura 2: Forma da cerâmica arqueológica. Panelas ou *yapepó*.

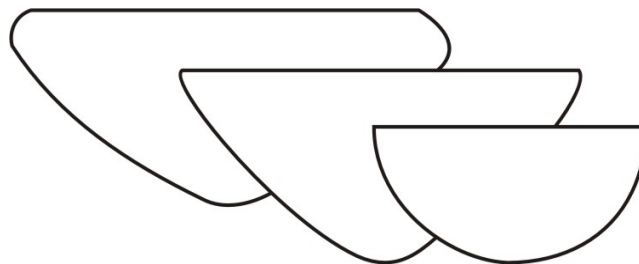


Figura 3: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñaetã*.

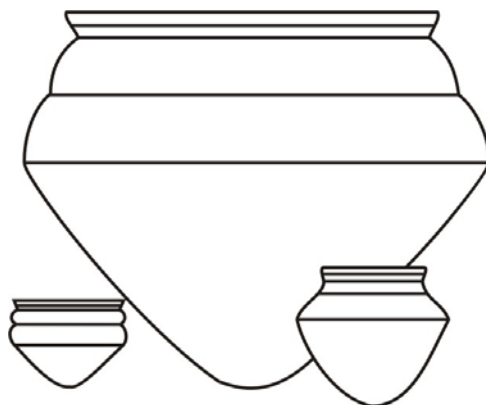


Figura 4: Forma da cerâmica arqueológica. Jarra para bebida ou *cambuchi*.

² Adaptado de Monticelli e Brochado



Figura 5: Forma da cerâmica arqueológica. Pratos para comer ou *ñaembé* ou *teembiru*.

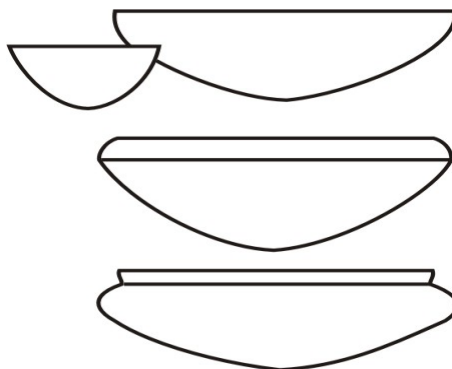


Figura 6: Forma da cerâmica arqueológica. Tigela para beber ou *cambuchi caguaba*.

Os recipientes são, em sua maior porcentagem, nas formas panelas ou *yapepó*, caçarola ou *ñaetã*, jarra para bebida ou *cambuchi*. Em menor quantidade aparecem os recipientes nas formas pratos para comer ou *ñaembé* ou *teembiru*, tigela para beber ou *cambuchi*. Predominam os vasos de tamanho grande, sendo que o tamanho e a forma variam de acordo com a função que se destinavam. É importante ressaltar que as vasilhas, de modo geral, usadas pelos índios no seu dia a dia, em momentos de morte eram reaproveitadas como urna funerária, tampa de urna e miniaturas ou formas pequenas eram usadas como oferenda que acompanhava o corpo.

Contudo, a cultura material dos índios que produziram da denominada Tradição Tupiguarani é composta também por pedras polidas, pedras lascadas, fundos de cabanas, estruturas de combustão, estruturas funerárias etc.

As pedra polidas são constituídas por lâminas de machado de diversas formas e tamanhos, mãos de pilão, potes de pedra, virotes, tembetá etc. As boleadeiras

são encontradas raramente nos Sítios da Tradição Tupiguarani. Os polidores de sulco são frequentes em arenito ou em paredes de cerâmica. As pedras polidas são objetos raros e frequentemente são encontrados muito desgastados ou quebrados. Exceção é observada quando essas peças estão associadas a cemitérios indígenas. Nesse contexto as peças, geralmente, estão bem conservadas.

As pedras lascadas são abundantes nos sítios da Tradição Tupiguarani. São evidenciados, no geral, lascas, percutores duros e muitos resíduos. Os objetos dessa indústria são adequados para raspagem e corte de osso, carne e frutas.

As estruturas de combustão são evidenciadas próximas às habitações ou dentro delas. As menores estruturas evidenciadas dentro das habitações certamente serviam para aquecer o ambiente e afugentar insetos. As maiores, evidenciadas fora das habitações, certamente tinham várias funções, como a de cozinhar ou assar alimentos, aquecer rochas aptas ao lascamento, afugentar insetos etc. É comum que as estruturas de combustão localizadas fora da habitação sejam rodeadas por blocos de terra.

As estruturas funerárias são caracterizadas por enterramentos primários e secundários em vasos cerâmicos, na posição acorçada, dentro das habitações ou em lugares próximos à habitação. Mais raramente, foram evidenciados enterramentos diretamente na cova, com a cabeça protegida por uma tigela com decoração pintada.

A forma dos sítios da Tradição Tupiguarani varia muito e, na maior parte dos casos, a área investigada não corresponde à área total do sítio.

Quando a área do sítio arqueológico passou por trabalho de aragem nos últimos anos, os vestígios dessas ocupações aparecem desde a superfície até uma profundidade máxima de 40 centímetros aproximadamente. Entretanto, quando o solo está livre da ação humana, esses vestígios raramente afloram a superfície, estando sob uma camada de solo que varia de acordo com os processos de sedimentação e erosão inerentes a cada área. Raramente é encontrada uma camada estéril, sobre os vestígios arqueológicos, mais espessa que 15 centímetros.

Na área desses sítios arqueológicos, além dos vestígios elementos da cultura material desses índios, já descritos, o arqueólogo também encontra de 1 a 10 manchas pretas. Os sítios com menos de 3 habitações foram poucos estudados até o momento. Os sítios com mais de três habitações são os mais comuns. As habitações, no geral, apresentam forma oval, dispostas de forma irregular dentro da área da aldeia. Essas manchas, portanto, são os testemunhos da área de antigas habitações, que depois de abandonadas apodreceram, deixando no solo as marcas de seu passado. Nesses

locais, os índios faziam suas fogueiras para garantir o aquecimento e o afugentamento dos insetos, isso também enegrecia o solo, já que moravam várias famílias nucleares em cada habitação e cada família tinha a sua fogueira.

Um outro vestígio importante encontrado na área das habitações são os buracos de esteio, verdadeiros negativos dos locais onde os índios enterraram troncos para estruturar a habitação e para pendurar as suas redes.

Os buracos de esteio e as fogueiras internas da habitação são ótimos indicadores do número de famílias nucleares que cada casa comportava no período pré-colonial.

□ **Sistema Kaingang.** Relaciona-se com a Tradição Itararé.

Os vasos cerâmicos ligados a **Tradição Itararé** são geralmente utilitários e de pequeno tamanho. O antiplástico utilizado na argila é o mineral. As paredes são finas (de 4 a 8 milímetros), se compararmos com a cerâmica da Tradição Tupiguarani (0,4 a 7centímetros).

As vasilhas apresentam corpo cônico, semi-elípticas, em meia-calota ou meia-esfera. As peças com formas cônicas de abertura constricta ou levemente ampliada e de contorno infletido são denominadas *kruku*, no Rio Grande do Sul e *korã*, em São Paulo. As formas semi-elípticas, também denominadas tigelas rasas ou fundas, possuem contorno simples e abertura ampliada, são conhecidas como *pentky* no Rio Grande do Sul e em São Paulo. De forma geral, a decoração ou o tratamento de superfície é representado pelo tipo liso com brunidura. A Tradição Itararé possui várias fases e de acordo com essas fases até 35% do material cerâmico pode ser decorado. Os tipos mais comuns são o engobo vermelho, o inciso, o ponteadado, o carimbado e o escovado. Entretanto, o tipo liso com brunidura é a característica mais marcante no Estado de São Paulo. Quanto à forma, o tipo cônico é o mais comum. A técnica de manufatura utilizada é o modelado à mão.

Baldus, em 1937, coletou na região do Feio, junto aos kaingang, vasilhas cerâmicas, que estão hoje no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (**Fotos 1, 2, 3 e 4**).



Foto 1: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (Krukrü) coletada por Baldus em 1947. Silva, 2001.



Foto 2: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (Krukrü) coletada por Baldus em 1947. Robhan Gonzalez, 2007



Foto 3: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (pentky) coletada por Baldus em 1947. Silva, 2001.



Foto 4: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (pentky) coletada por Baldus em 1947. Silva, 2001.

Nas **fotos 5 e 6**, pode-se visualizar a cerâmica que compõe parte do mobiliário funerário encontrado em sepultamentos em montículos de grupo kaingang, em Guararapés, São Paulo, realizados provavelmente entre 1912 e 1945.



Foto 5: Forma da cerâmica (krukrü) proveniente de sepultamentos em montículos de grupo kaingang, localizado em Guararapes, São Paulo. Godoy, 1947.



Foto 6: Forma da cerâmica (pentky) proveniente de sepultamentos em montículos de grupo kaingang, localizado em Guararapes, São Paulo. Gogoy, 1947.

Na **foto 7**, podemos analisar as formas da cerâmica kaingang presente no Museu Índia Vanuíre, Município de Tupã, São Paulo. As peças foram confeccionadas pela índia kaingang Candire, hoje falecida, da Reserva Indígena Vanuíre, do Município de Tupã, São Paulo.



Foto 7: cerâmica kaingang (krukü). Acervo do Museu Índia Vanuíre, Município de Tupã, São Paulo. FACCIO, 1999.

As coleções apresentadas nas **fotos de 1 a 7** constituem importante referencial para o estudo da cerâmica arqueológica.

□ **Ciclos Regionais da Sociedade Nacional.** Compreende o sistema da Arqueologia do Período Histórico, considerados no âmbito da história social e econômica do Brasil (MORAIS, 199/2000). Esses ciclos entraram em contato com a população indígena do período histórico

Nesse período nos deparamos com sítios que apresentam elementos da cultura indígena, européia e negra. Esses objetos aparecem em um mesmo sítio conservando suas características originais e em alguns casos com suas características originais associadas. É comum, por exemplo, encontrarmos num vaso cerâmico com forma característica da Tradição Tupiguarani, alças ou asas, que são características dos vasos da cultura européia ou negra. Esses sítios têm esses objetos, fruto da produção de duas ou mais culturas, encaixados na Tradição Neobrasileira.

Entre os materiais dos sítios da Tradição Neobrasileira tem-se a cerâmica histórica de confecção manual, a louça, os produtos de olaria (telhas), os vidros, os metais etc.

A cerâmica histórica confeccionada por meio da técnica acordelada (superposição de roletes).

A cerâmica vidrada, também conhecida como louça vidrada aparece em pequena quantidade nos sítios históricos:

“era utilizada em utensílios de cozinha destinados à preparação e ao armazenamento de alimentos. O vidrado conhecido como “salt-glazed”, era aplicado apenas à parte interna dos recipientes, em tonalidades que variavam do amarelo-mostarda ao verde, dependendo do composto empregado na esmaltagem. As primeiras louças vidradas teriam vindo de Portugal, compondo o equipamento doméstico dos colonizadores. As notícias referentes à sua fabricação no Brasil aparecem apenas em documentos em torno de 1800” (Lima et al, 1989: 218 – 219).

A louça vidrada encontrada em sítios históricos é um tipo de cerâmica (terracota) revestida com vidrado amarelo, criada na busca de melhoria de qualidade e impermeabilidade para a cerâmica de uso diário. Comum em Portugal desde o século

XVI, deve ter sido trazida desde essa época para o Brasil. A sua produção nacional é disseminada em diversos estados brasileiros no século XIX (Brancante, 1981).

O grés ou stoneware, presente nos sítios históricos, teve origem na china. Segundo Lima et al (1989), o grés foi:

“... produzido na Alemanha, por volta do século XVI, generalizou-se, passando a ser amplamente fabricado pela Inglaterra, França e Holanda. Por ser de grande resistência e impermeabilidade tornou-se excelente para o transporte de bebidas e outros líquidos. A Inglaterra e outros países exportaram, durante o século XIX, vários recipientes de grés contendo cerveja, genebra, água mineral e também tinta nanquim, entre outros produtos. A cor do grés pode variar do areia ao marrom avermelhado, bem como o formato das garrafas, dependendo do conteúdo. Muitas delas não apresentam marcas, e foram aqui reaproveitadas para engarrafar bebidas nacionais. Era comum o anúncio em jornais para compra de garrafas vazias, por um preço relativamente alto”.

O grés é o tipo de cerâmica que mais se aproxima da porcelana, possuindo aspecto vitrificado mais opaco. Segundo Fournier Garcia (1990), o grés tem som metálico, não racha sob a ação do fogo e apresenta fratura conchoidal.

“A faiança, pela composição de sua argila e por seu cozimento em temperaturas mais baixas possui um aspecto mais rústico que a cerâmica. Leva também um banho de esmalte transparente e nova queima para ficar preparada para pintura e decoração. Seu aspecto final será de um craquelado não tão delicado e translúcido que a porcelana e lhe dá um aspecto de peça antiga (<http://www.cleidefermi.com.br/tecnicas>)”.

Segundo Albuquerque (1991) a faiança é um tipo de louça branca de pasta opaca, fratura irregular, porosa de coloração bege a avermelhada e esmalte poroso branco. O autor ainda escreve que a faiança foi produzida e exportada por Portugal para o Brasil desde a segunda metade do século XVI até início do século XIX.

A faiança fina lisa é comum em sítios históricos do século XIX, haja vista que era a louça mais barata e acessível no mercado (Miller, 1980).

A faiança fina com padrão decorativo *Willow Pattern*, compreende o período conhecido como *Chinoiserie* e é comum em sítios históricos.

“O padrão é derivado originalmente dos chineses e fez sua aparição na Europa entre 1800/1815, atingindo posteriormente uma standardização. Foi extremamente popular na Inglaterra, gerando uma lenda e um soneto sobre o motivo. Até 1880 foi fabricado por 54 estabelecimentos cerâmicos ingleses. Apresenta variações de pasta, esmalte e tonalidade azul. Foi também fabricado nas cores verde e rosa, esta última em Maastricht, Holanda, por Petrus Regout” (Lima et al: 211).

A diferença entre cerâmica, porcelana e faiança consiste na matéria prima utilizada (argila), na sua maior ou menor pureza e na temperatura em que as peças são cozidas (<http://www.cleidefermi.com.br/tecnicas>).

A porcelana foi inventada pelos chineses, que guardaram o segredo de fabricação até o início do século XVIII quando os europeus descobriram a técnica e passaram a produzi-la. No Brasil, após a abertura dos portos, com a chegada da família real portuguesa, no início do século XIX, as louças européias, primeiro as inglesas, depois as alemãs e francesas, foram conquistando o mercado (<http://www2.uol.com.br/historiaviva>).

Segundo Holanda Ferreira (sd: 1366) a porcelana é uma variedade de cerâmica dura, branca e translúcida, mais ou menos fina, preparada essencialmente com caulim, podendo ser ou não vitrificada. Segundo Worthy (1982) as altas temperaturas de queima a que são submetidas a porcelana (entre 1300⁰C e 1450⁰C) elimina o limite entre a pasta e o esmalte.

Nos sítios da Tradição Neobrasileira, além das cerâmicas e louças, também são comumente evidenciados estruturas de casa, tijolos, telhas e metais.

Algumas Considerações

A região do Vale do Rio Paranapanema vem sendo estudada, no que diz respeito ao patrimônio arqueológico, desde a década de 1960. Atualmente conhecemos os sistemas de ocupação regional do referido vale, bem como as características das ocupações. Muitos pesquisadores e estudantes dos cursos de

Geografia e Arqueologia tem se dedicado desde a última década a análises e re-análises de sítios ou dos materiais arqueológicos provenientes desses sítios.

A equipe que é coordenada pelo Prof. Dr. José Luiz de Moraes do Moraes do MAE/USP têm buscado aperfeiçoar metodologias para que em curto prazo possamos publicar resultados mais elaborados.

Bibliografia

BALDUS, Hebert. Ensaio de Etnologia Brasileira. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1937.

BRANCANTE, E. F. O Brasil e a Cerâmica Antiga. Cia. Litográfica Ipiranga, São Paulo, 1981.

BROCHADO, J. P. & MONTICELLI, G.. Regras Práticas na Reconstituição Gráfica das Vasilhas Guarani a Partir dos Fragmentos. *Estudos Ibero-Americanos*, Departamento de História, PUCRS. Porto Alegre, v. XX, n. 2, p. 107-118, 1994.

FACCIO, N. B. *O Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema*. Dissertação de Mestrado, FFCL da USP, São Paulo, 1992.

_____ *Arqueologia do Cenário das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema, SP*, Tese de Doutorado. FFCL da USP, São Paulo, 1998.

Lima, T. A. et al. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. *Dédalo*, SP. Pub. Avulsa, 1:205-230, 1989.

Miller Jr., T. O. Arqueologia da região central do Estado de São Paulo. *Dédalo*, USP, nº 16, pgs. 13-118, 1972.

MORAIS, J. L.. Arqueologia da Região Sudeste. *Revista USP. Arqueologia Brasileira II*. São Paulo, 1999/2000.

PALLESTRINI, Luciana, MORAIS, José Luiz. Prassevichus, aldeia pré-histórica no município de Itaberá. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, V. 29, pág. 151-67, 1983/84.

PROUS, A.. Arqueologia brasileira. Brasília: UNB, 1992. 605 p., 1992.

RIBEIRO, M. F. B. A reinvenção da paisagem e os espaços da memória. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

SILVA, S. S. Observação e análise da paisagem no ensino e pesquisa na Geografia.
Revista Cosmos: Presidente Prudente.

VILHENA-VIALOU. O mais antigo sítio arqueológico do paranapanema, Estado de São Paulo. Revista do Museu Paulista. Nova Série – Volume XXIX, São Paulo, 1983/1984.